

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V.



PESQUISA

Conhecimento dos graduandos de uma instituição de ensino superior sobre a doação de órgãos
Knowledge of an undergraduate institution of higher education on organ donation
Conocimiento de licenciatura de una institución de la educación superior en la donación de órganos

Leone Maria Damasceno Soares¹, Raquel Gomes Leite², Francisca Cecília Viana Rocha³.

RESUMO

A Doação de Órgãos é um tema complexo e relevante, porém pouco abordado na graduação do curso de enfermagem. O presente trabalho tem como objetivo investigar o conhecimento dos graduandos de uma Instituição de Ensino Superior sobre a Doação Órgãos. Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa. Utilizou-se entrevista semi-estruturada, com perguntas abertas e fechadas, aplicadas a vinte graduandos do oitavo período de enfermagem, de ambos os sexos, em uma instituição de ensino superior em Teresina-Piauí. Os resultados indicam que apesar dos acadêmicos de enfermagem se mostrarem solidários e estarem sensibilizados, estes possuem um conhecimento insuficiente sobre a temática em questão. Conclui-se que existe uma necessidade da inserção na graduação de conteúdos que atendam o tema discutido. **Descritores:** Enfermagem. Transplante de órgãos. Doadores de tecidos.

ABSTRACT

Organ donation is a complex and important issue, but little attention in the undergraduate nursing program. The present study objective to investigate the knowledge of undergraduate students from a Higher Education Institution on Organ Donation. This is a descriptive qualitative study. We used semi-structured interview with open and closed questions, applied to twenty graduates of the eighth period of nursing, of both sexes, in an institution of higher learning in Teresina, Piauí. The results indicate that although nursing students if they show solidarity and be aware, these have insufficient knowledge about the topic in question. It is concluded that is necessary the inclusion of content in the graduation that suits the theme discussed. **Descriptors:** Nursing. Organ transplantation. Donor tissues.

RESUMEN

La donación de órganos es un tema complejo y importante, pero poca atención en el programa de enfermería de pregrado. Este estudio tiene como objetivo investigar el conocimiento de los estudiantes de pregrado de una Institución de Educación Superior en la donación de órganos. Se trata de un estudio cualitativo descriptivo. Realizamos entrevistas semi-estructuradas con preguntas abiertas y cerradas aplicadas a veinte graduados del octavo período de lactancia, de ambos sexos, en una institución de educación superior en Teresina, Piauí. La resultados indican que, a pesar de la enfermería si muestran la solidaridad y ser conscientes, estos tienen un conocimiento insuficiente sobre el tema en cuestión. Llegamos a la conclusión de que hay una necesidad de insertar el contenido de la graduación que cumplen con el tema discutido. **Descriptor:** Enfermería. Trasplante de Órganos. Donantes de Tejidos

¹ Acadêmica do 9º Período do Curso de Enfermagem do Centro Universitário UNINOVAFAPI. E-mail: leonedamasceno@hotmail.com. ² Acadêmica do 9º Período do Curso de Enfermagem do Centro Universitário UNINOVAFAPI. ³ Mestre em enfermagem pela UFPI. Docente do curso de enfermagem do Centro Universitário UNINOVAFAPI. Enfermeira do Hospital Getúlio Vargas- Teresina (PI).

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V.

INTRODUÇÃO

A realização de transplantes de órgãos é, inegavelmente, uma conquista muito importante na Medicina, para o sistema de saúde e toda a sociedade brasileira (MARINHO, 2006, p. 2229).

Para Santos e Massarollo (2005), o processo de doação é definido como um conjunto de ações e procedimentos que conseguem transformar um potencial doador em um doador efetivo. Doador em potencial é todo paciente cuja terapêutica orientada para o cérebro foi avaliada como ineficaz ou a morte encefálica é iminente ou já ocorreu.

A doação de órgãos também pode ser feita em vida para algum membro da família ou amigo, após avaliação clínica da pessoa. Nesse caso, a compatibilidade sanguínea é primordial e não pode haver qualquer risco para o doador. Os órgãos e tecidos que podem ser retirados em vida são rim, pâncreas, parte do fígado, parte do pulmão, medula óssea e pele (BRASIL, 2012).

Conforme Aguiar (2010), doador vivo é qualquer pessoa que goze de perfeita saúde e que concorde com a doação, e a doação intervivos é a que é realizada entre parentes até o quarto grau e cônjuges e entre não parentesco, esta última permitida por lei e somente com autorização judicial.

O Brasil dispõe do maior programa público de transplantes do mundo com aumento expressivo do número de transplantes, embora que ainda insuficiente, a taxa obtida é de 5,4 doadores por milhão de habitantes/ano (MATTIA et al., 2010, p.66).

No Piauí, o número de doações ainda é incipiente e não existe ainda conscientização da população para essa questão, haja vista ser bastante delicada a abordagem ao familiar em um

momento de dor, e isso dificulta e cria uma barreira para o profissional.

Conforme informação da Central de Transplantes de Teresina - PI atualmente encontram-se na fila de espera 332 possíveis receptores semi-ativos para rim e 17 para córneas e ativos 379 para transplante de córnea, 197 para transplante de rim, 02 de fígado e nenhum de coração, os dois últimos não são realizados em Teresina. Os transplantes de fígado e coração são direcionados para Fortaleza e/ou outros centros para serem realizados.

De acordo com o Ministério da Saúde (MS), o número de doadores de órgãos no Brasil cresce a cada dia e com ele, o índice de transplantes realizados no país. Atualmente, o programa público nacional de transplantes de órgãos e tecidos é um dos maiores do mundo. Para ser doador não é necessário deixar documento por escrito. Cabe aos familiares autorizarem a retirada após a constatação da morte encefálica. Esta situação ocorre quando não há mais funções vitais e a parada cardíaca é inevitável.

Porém, ainda existem dúvidas, mitos e preconceitos quanto ao transplante de órgãos humanos. A doação de órgãos constitui-se tema polêmico e tem despertado interesse e discussões em várias comunidades. A falta de esclarecimento, o noticiário sensacionalista sobre tráfico de órgãos, a ausência de programas permanentes voltados para a conscientização da população e para o incentivo à captação de órgãos contribuem para dificultar o processo (MORAIS; MORAIS, 2012, p.634).

No Brasil são incipientes os trabalhos de pesquisa a respeito da temática envolvendo graduandos de enfermagem, embora o tema, doação de órgãos vá contribuir para a formação do enfermeiro(a) e sua atuação no exercício de suas funções, pois a cada ano cresce a demanda de

Conhecimento dos graduandos de uma instituição...

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V. pessoas de diferentes faixas etárias ingressando na fila de espera por um órgão.

Com o aumento progressivo do tempo de espera, muitos pacientes morrem antes de receber o transplante. A falta de conhecimento sobre o assunto dentro da população acadêmica, que são formadores de opinião, contribui muito para isso.

O presente trabalho tem o objetivo de investigar o Conhecimento dos Graduandos de uma Instituição de Ensino Superior sobre a Doação de Órgãos, descrevendo e analisando a opinião dos mesmos.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, a pesquisa foi realizada em uma Instituição de Ensino Superior privada, na cidade de Teresina - Piauí. Participaram do estudo vinte alunos do curso da Graduação de Enfermagem, do oitavo período dos turnos manhã e tarde, do sexo masculino e feminino e a faixa etária dos depoentes variou de vinte a quarenta e oito anos. A escolha dos participantes da pesquisa foi intencional e restrita aos futuros enfermeiros(as), tendo em vista a proximidade do encerramento da graduação, cuja carga horária encontra-se quase concluída.

Como critérios de inclusão participaram do estudo apenas os alunos da graduação em enfermagem e foram excluídos os alunos de outros cursos e alunos de enfermagem de períodos anteriores e posteriores ao oitavo período. A coleta de dados foi realizada de março a abril de 2014, após autorização do CEP - Comitê de Ética em Pesquisa, com o CAAE nº 23946013.0.0000.5210 e assinatura do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Aplicou-se uma entrevista semi-estruturada com perguntas abertas e fechadas, individual, no R. Interd. v. 8, n. 2, p. 158-168, abr. mai. jun. 2015

intervalo das aulas, em local reservado, a fim de garantir o sigilo das informações.

O presente trabalho trouxe como benefícios o conhecimento sobre o tema e um novo posicionamento acerca da Doação de Órgãos pelos graduandos de enfermagem. Além disso, a pesquisa servirá como fonte e subsídio para outros interessados nesta temática. Como risco observou-se constrangimento na abordagem e insegurança quanto ao sigilo das informações fornecidas pelos participantes, como também o medo da crítica por parte dos pesquisadores, mesmo com todos os princípios éticos respeitados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Após análises dos dados quanto ao Conhecimento dos Graduandos de Enfermagem sobre a Doação de Órgãos foram elencadas duas categorias temáticas: a falta de conhecimento dos graduandos sobre a doação de órgãos e a solidariedade e a sensibilização dos graduandos sobre a doação de órgãos.

A Falta de Conhecimento dos Graduandos sobre a Doação de Órgãos

Ao iniciar a pesquisa de campo e expor o tema doação de órgãos, observou-se a sensação de ter causado impacto no depoente, por meio da expressão facial, alguns assustados, outros mais confiantes, o que sugere a ausência de informações e a falta de curiosidade acerca do assunto em questão.

Para Pessoa e Schirmer (2013), a falta de conhecimento da população leiga e da área da saúde sobre o processo de doação de órgãos é apontada por inúmeros artigos como sendo um dos motivos que levam os familiares a recusarem a doação dos órgãos e tecidos do potencial doador em morte encefálica (ME), bem como a falta de

Conhecimento dos graduandos de uma instituição...

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V. conhecimento do desejo do familiar sobre o tema em questão.

No decorrer dos depoimentos, alguns participantes afirmaram saber pouca coisa sobre o tema e outros não apresentaram respostas consistentes, indicando a falta de informação conforme os relatos abaixo.

[...] doação de órgãos é quando uma pessoa doa o seu órgão pra outra pessoa, eu sei pouca coisa sobre isso (Depoente nº 17, 24 anos, sexo feminino).

[...] doação de órgãos, eu não tou bem... é (pausa) nesse assunto não (pausa) não vou saber te responder nesse momento não, mas eu sei que aqui em Teresina já estamos bem avançados sobre essas doações, né?! [...] (Depoente nº 05, 33 anos, sexo feminino).

Conforme aborda a literatura sobre a falta de conhecimento dos graduandos sobre a temática e a confirmação nas falas dos depoentes, emerge uma necessidade urgente de inserção deste conteúdo na graduação de enfermagem, estimulando o debate com a finalidade de diminuir as filas de espera para os transplantes.

De acordo com Mendes et al. (2012), as estratégias adotadas de capacitação no processo de doação de órgãos têm-se mostrado insuficientes para sanar as carências existentes.

Corroborando com o autor citado as falas dos depoentes que citam nos cursos de graduação pouco se fala da temática em questão. Além disso, ratificamos a falta de curiosidade na busca de conhecimento pelos alunos fora do contexto acadêmico.

Para Cinque e Bianchi (2010), o processo de doação é definido como um conjunto de ações e procedimentos que conseguem transformar um potencial doador em um doador efetivo.

O conceito de doação de órgãos é muito complexo e existe muita informação errônea sobre este tema. A compreensão dos graduandos ocorre de forma limitada. Observou-se que mesmo definindo o tema de forma correta, no primeiro

momento, eles acabam fornecendo informações erradas e/ou contraditórias na sequencia da resposta como é descrito no relato:

[...] bem, a doação de órgãos, é... (pausa) a remoção de um órgão de uma pessoa e passada para um doador, e é muito importante, e pode ser doada em todas as idades. (Depoente nº 09, 22 anos, sexo feminino).

Verificou-se mais uma vez a deficiência do conhecimento sobre o assunto, uma vez que a fala acima cita o receptor como doador e afirma que a doação pode ser realizada em todas as idades. Segundo o SNT a idade depende do órgão a ser doado: rim (idade de 02 a 70 anos), coração (idade de 0 a 40 anos), fígado (idade de 2 a 50 anos), córnea (a partir de 4 anos), medula (até 55 anos).

O conhecimento insuficiente observado não se refere unicamente ao conceito de doação de órgãos, mas também no tocante a legislação que regulamenta os transplantes, conforme observamos no depoimento abaixo:

[...] a doação de órgãos, ela é voluntária, a pessoa é convidada a doar órgãos, aí ela assina um termo e tudo, e deixa esclarecido, pelo menos é do meu entendimento, deixa esclarecido que quer fazer parte da doação de órgãos, aí comunica a família, comunica o responsável por ela e eu não sei muita coisa não... é isso (Depoente de nº 2, 21 anos, sexo feminino).

Vale ressaltar que apesar da lei vigente nº 10.211/2001, que dispõe sobre a doação de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento, em caso '*post mortem*', as doações são concretizadas após autorização da família, mesmo assim, alguns depoentes ainda têm em mente a doação presumida citada na lei 9.434/97 que foi revogada, onde todo cidadão que não se manifestar contra a doação de órgãos será um potencial doador.

Conhecimento dos graduandos de uma instituição...

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V.

Conforme Reis e Popov (2009), no Brasil a doação só é efetuada através do consentimento familiar, ou seja, não é necessário deixar nenhum documento por escrito, basta comunicar a família do seu desejo de doação. A doação se concretizará após a autorização familiar por escrito.

Em outro depoimento, surgiu o medo em concordar com a doação e o diagnóstico de morte encefálica ser errado, o que reflete mais ainda a insegurança e a deficiência no conhecimento sobre o assunto, bem como a compreensão dos critérios de morte encefálica, gerando dúvidas, conflitos e rejeição quanto a doação de órgãos.

[...] doação de órgãos é uma parte muito bonita, mas eu, no meu caso, sou contra a doação de órgãos, porque como eu não tenho conhecimento científico do neurologista que vai avaliar o paciente se ele tem, está né? No caso, comprovado morte encefálica eu, no meu, caso se fosse um parente meu, ou meu filho, eu não doaria, porque eu não acreditaria no diagnóstico dele, por isso sou contra. (Depoente nº 20, 32 anos, sexo feminino).

Para Moraes e Massarollo (2009), o conceito de ME tem resistência não só na população, mas também entre os profissionais de saúde que assistem o potencial doador, comprovado no relato acima, representando um obstáculo na aceitação da doação dos órgãos por parte das famílias, e uma barreira para o processo de captação-doação. Enfatiza ainda que a ME, mesmo sendo aceita como a morte do indivíduo pela comunidade científica mundial, ainda é pouco compreendida pela população que tem dificuldade em reconhecer que uma pessoa que apresenta batimentos cardíacos e está quente, possa estar morta.

Observou-se que é preciso divulgação, esclarecimento, educação para a população sobre o conceito de ME e lei que rege as doações, tendo em vista que nem os estudantes da área da saúde tem essa compreensão, para que se possa obter um maior número de adesões e assim salvar outras vidas.

Para Santos e Massarollo (2011), um dos motivos que contribuem para a dificuldade na compreensão e/ou não aceitação do diagnóstico de morte encefálica advém do fato do paciente apresentar batimentos cardíacos, movimentos respiratórios e temperatura corpórea. A família não percebe o paciente como morto e crê na possibilidade de reversão do quadro.

A insegurança em um diagnóstico médico de ME origina-se da definição tradicional da morte, onde esta é encarada como a perda definitiva das funções respiratória e cardíaca. Porém com os avanços tecnológicos pode-se manter um coração vivo, mesmo com um encéfalo morto. Isso, com certeza, dificulta a aceitação da morte e a decisão favorável da família em concordar a doação dos órgãos do ente querido.

Observa-se que, quando a família tem compreensão sobre ME facilita a permissão para a doação. A insegurança dos profissionais de saúde sobre esse assunto, caso sejam abordados em seu dia a dia irá refletir negativamente em quem deseja doar.

A Política Nacional de Transplantes de órgãos e tecidos está fundamentada na Legislação - Leis nº 9.434/1997 revogada e substituída pela nº 10.211/2001, tendo como diretrizes a gratuidade da doação, a beneficência em relação aos receptores e não maleficência em relação aos doadores vivos (BRASIL, 2012).

Embora esta lei seja recente necessita de uma ampla divulgação entre a população, principalmente nas universidades, escolas, hospitais, estabelecimentos de saúde.

A portaria do Ministério da Saúde nº 2.600/2009 se refere ao regulamento técnico para estabelecer as atribuições, deveres e indicadores de eficiência e do potencial de doação de órgãos e tecidos relativos às Comissões Intra-hospitalares de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante (CIHDOTT). Além disso, trata do regulamento técnico do Sistema Nacional de Transplantes e

Conhecimento dos graduandos de uma instituição...

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V. inclui o enfermeiro como membro das equipes especializadas que atuam na doação e no transplante de órgãos do Brasil.

Observou-se que a falta de divulgação sobre a doação de órgãos refletiu como um fator negativo ou de resistência para a adesão à doação, pelos graduandos entrevistados, já a possibilidade de contribuir para a continuidade da vida influenciou positivamente na decisão de tornar-se doador. Os graduandos demonstraram desejo de salvar vidas doando órgãos, desejo este não suficiente para uma decisão efetiva, necessitando ainda, convencer sua família a concretizar sua vontade.

A falta de divulgação por parte do poder público sobre o tema foi reconhecido por alguns graduandos, como demonstra as seguintes falas, em que os participantes do estudo sugerem um enfoque maior na divulgação sobre doação de órgãos.

[...] bom, eu acho que a doação de órgãos deveria ser mais esclarecida pra que mais pessoas possam ser salvas durante esse processo, porque às vezes as pessoas não sabem como é que é feita essa doação, acham que vai mutilar o corpo do ente querido que morre, então, se assim fosse mais esclarecido, tivesse uma equipe que acompanhasse, eu acredito que as doações iriam aumentar. (Depoente n° 4, 27 anos, sexo feminino).

[...] eu acho assim que, a doação de órgãos é uma coisa boa, porque salva vidas e eu acho que tem que haver mais divulgação... Mostrar pras pessoas, que é muito bom doar órgãos, que vai salvar vidas e principalmente esclarecer isso pra família, pra todo mundo, deve haver mais políticas públicas voltadas pra isso. (Depoente n° 17, 24 anos, sexo feminino).

É importante ressaltar que a divulgação e a instituição de políticas públicas mais eficientes são necessárias. Além disso, é preciso inserir este conteúdo nos cursos não só da graduação de enfermagem, mas em todas as áreas da saúde. A informação e o conhecimento são pontos importantes para reduzir as filas de espera e assim potencializar a adesão de doadores, como fala o depoente a seguir:

[...] acho muito importante, mas acho que deveria ser feito mais, acho que mais planos, métodos do governo para maior doação de órgãos hoje em nosso país, pois acho [...] muitas vezes não há uma maior doação por falta de informação das pessoas, dos familiares da pessoa que pode doar os órgãos, porque muitas vezes não sabem os benefícios que eles podem fazer a várias pessoas. (Depoente n° 15, 20 anos, sexo masculino).

Conforme Reis e Popov (2009), as pessoas obtêm informações sobre doação e transplante de órgãos principalmente por meio da mídia, outras são influenciadas por amigos, familiares, profissionais da saúde e campanhas educativas.

Alguns depoentes citaram a mídia como agente propulsor de informações:

[...] o conhecimento que eu tenho é aquele básico, é através dos meios de comunicação, televisão, jornais, revistas, apenas isso mesmo. (Depoente n° 11, 23 anos, sexo masculino).

[...] a princípio a gente assistindo televisão, a gente observou que seria uma doação voluntária [...] (Depoente n° 10, 31 anos, sexo masculino).

Schirmer et al. (2007) enfatizam a importância de comunicar aos familiares a decisão sobre a doação de seus órgãos e tecidos, realizar palestras em clubes de serviços, universidades, sindicatos, fábricas ou qualquer outro local que manifestar interesse pelo assunto; insiste ainda que seja necessária educação pública por meio de programas comunitários, acadêmicos, religiosos e médicos, especialmente entre grupos minoritários, como também é importante a formação de coordenadores educacionais, geralmente profissionais de saúde, estudantes universitários e voluntários.

Atualmente essas ações são incipientes e ainda muito pontuais, acontecendo apenas em datas específicas como em 27 de setembro, Dia Nacional de Doação de Órgãos. No entanto, para efetivar a compreensão da população a esse respeito, tal diálogo deve ser contínuo e permanente, haja vista a grande lista de espera

Conhecimento dos graduandos de uma instituição...

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V. com pessoas necessitando de um órgão para sobreviver; essa falta de divulgação é um dos fatores responsáveis pela morosidade no andamento da fila única para os transplantes.

Alguns depoentes consideram insignificante a divulgação na mídia, como no relato abaixo:

[...] e não tá existindo campanhas apropriadas pra orientar as famílias, muitas pessoas tem medo, diz logo assim, que não vai enterrar a pessoa oca, mas, isso também é falta de conscientização, falta de campanha que não tá havendo, é raro, hoje em dia, a gente não ver mais falar em doação de órgãos. É pouco demais. (Depoente nº 13, 37 anos, sexo feminino).

A doação de órgãos é um tema polêmico, o que se faz necessário estimular discussões sobre tal, com o intuito de minimizar dúvidas, desmistificar mitos e preconceitos, e este seria o verdadeiro papel da mídia.

Avaliando o poder que a mídia detém sobre grandes massas, entende-se que a mesma deve seguir o caminho do esclarecimento, formando opiniões a favor da doação de órgãos, o que por vezes, reproduz informações superficiais, distorcidas e preconceituosas, dificultando a autorização das famílias diante do quadro de ME.

Analisando as falas percebe-se que existe um conceito errado da população, sobre o processo legal da doação de órgãos, pois os depoentes afirmam que a doação deverá ocorrer com autorização por escrito, conforme os relatos abaixo:

[...] sendo que a pessoa doadora tem que deixar um termo em vida que vai doar ou que queira doar ou um responsável que se responsabilize em fazer em assinar esse documento. (Depoente nº 10, 31 anos, sexo masculino).

[...] bem, o que eu sei é que pra você ser doador de órgãos, geralmente, você vivo, você tem que assinar um termo, tem que dizer que aceita doar os seus órgãos, quando você falecer e a família também tem que aceitar, tipo, tem um termo pra assinar, pra aceitar que vai doar o órgão

do ente querido. (Depoente nº 17, 24 anos, sexo feminino).

Tal fato confirma o desconhecimento dos graduandos sobre a legislação vigente. Anteriormente a Lei nº 9.434/1997 determinava o “consentimento presumido”, isto é, que todos os brasileiros eram doadores, salvo manifestação de vontade contrária expressa na Carteira de Identidade Civil ou na Carteira Nacional de Habilitação. A partir de 2001, com a Lei. nº 10.211, este consentimento tornou-se inválido, desta forma a doação de órgãos passa a depender da autorização da família, sendo o cônjuge ou familiar até segundo grau de parentesco o responsável pela autorização, e em casos de doador vivo o próprio doador.

Para Mattia et al. (2010), quanto ao conhecimento do processo de doação de órgãos, categoria de maior destaque em sua pesquisa, observa-se que todos os segmentos da população sejam profissionais ou estudante de medicina ou enfermagem, população em geral, como adolescentes, apresentam desconhecimento desse processo.

O mesmo autor ainda enfatiza que é necessário que a educação continuada esteja presente entre esses profissionais, iniciando, durante o período acadêmico, conscientizando-os da importância destes no processo de doação, a fim de contribuir para a diminuição do tempo e do sofrimento daqueles que aguardam um órgão na fila do transplante no Brasil.

A Solidariedade e a Sensibilização dos Graduandos sobre a Doação de Órgãos

A solidariedade é um sentimento próprio do ser humano e se manifesta na relação com o outro. Nesta relação há respeito à individualidade dos seres envolvidos, os quais interagem dando e recebendo afetividade, revelada no ato de cuidar.

Conhecimento dos graduandos de uma instituição...

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V. Resulta da sensibilidade dos profissionais envolvidos no processo de cuidar, contribui na identificação das necessidades singulares das pessoas, o que por certo conduz à humanização no setor saúde (VALE; PAGLIUCA, 2011, p. 106).

Conforme Alencar e Centa (2006), a doação de órgãos e tecidos é vista pela sociedade, em geral, como um ato de solidariedade, amor e desprendimento dos familiares. No entanto, ela exige a tomada de decisão num momento de extrema dor e angústia motivados pelo impacto da notícia da morte, o sentimento de perda, a interrupção inesperada de uma trajetória de vida.

Doar órgãos é um dos atos mais bonitos que existe, é salvar vidas sem esperar nada em troca, é um gesto de carinho e amor pelo próximo, é dar uma segunda chance para a vida de uma pessoa, isso é confirmado nas falas abaixo.

[...] eu acho um ato muito bonito, porque você vai tá salvando vida, vai tá fornecendo parte do seu corpo pra continuar funcionando no corpo de outra pessoa. (Depoente nº 02, 21 anos, sexo feminino).

[...] doação de órgãos, a meu ver, ela é positiva, ela ajuda a salvar várias vidas... [...] (Depoente nº 18, 21 anos, sexo feminino).

[...] eu acho muito importante, porque você perde um ente querido, mas você salva várias outras pessoas que estão numa fila há muito tempo esperando, tem gente que fica anos esperando só essa oportunidade [...] pode alegrar a vida de um, mesmo com sua perda. (Depoente nº 19, 23 anos, sexo feminino).

Segundo Aguiar et al. (2010), doação de órgãos e tecidos é um ato de solidariedade por meio do qual os órgãos de uma pessoa são doados pela família após a morte de um indivíduo ou um órgão par (ou parte de um órgão ímpar) é doado em vida para salvar outras vidas.

Para Fonseca e Carvalho (2005), a solidariedade é qualquer movimento dos sujeitos de “colocar-se no lugar do outro”. Solidariedade

como um desafio de humanizar a prática da doação de órgãos e dos transplantes.

Analisando as entrevistas, percebeu-se que a solidariedade marca a decisão em ser doador, tal ato reproduz renascimento e continuidade para muitos cidadãos que aguardam na fila por uma doação de órgão, o que significa uma nova chance ou qualidade de vida por mais alguns anos, isso fica claro na fala abaixo:

[...] eu pretendo ser uma doadora, eu ainda não tenho nenhum cadastro, sobre doação, mas eu pretendo ser, porque eu pretendo renascer em outra pessoa, ajudar outra pessoa sobreviver [...] (Depoente nº 06, 24 anos, sexo feminino).

[...] eu acho isso bastante interessante, no caso, eu quero ser uma doadora de órgãos, [...] eu pretendo ser, mas é superinteressante. (Depoente de nº 16, 27 anos, sexo feminino).

De acordo com Feliú (2009), os familiares doadores vivenciam momentos ambíguos, como a morte de um ente querido e a possibilidade de melhorar ou salvar a vida de pessoas que aguardam pela doação. E isso é reforçado nas falas a seguir:

[...] você vai tá salvando vida, vai tá fornecendo parte do seu corpo pra continuar funcionando no corpo de outra pessoa [...] eu acho mesmo um gesto de solidariedade muito bonito. (depoente nº 03).

O profissional da área de saúde vive um conflito diário, “vivendo entre a vida e a morte”, a doação de órgãos e tecidos vem amenizar a impotência vivida por esses profissionais diante da sentença de finitude, que é a morte. Nesse contexto salvar vida com a doação de órgão é uma oportunidade de minimizar o impacto da perda que reflete a limitação do profissional.

[...] a doação de órgãos é muito importante, porque é (pausa) uma vida perdida, ela salva outra, certo?! Então é muito importante todos nós, profissionais de saúde, sermos doadores de órgãos. (Depoente nº 07, 21 anos, sexo feminino).

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V.

[...] eu sou a favor, quando eu morrer eu quero que doem meus órgãos, acho muito importante, acho que quando se perde uma vida, quando se perde um ente da gente, a gente pode salvar muitas vidas. (Depoente nº 01, 21 anos, sexo feminino).

[...] eu sou a favor da doação de órgãos. É (pausa) no meu caso, se fosse na minha família, eu optei por ser doadora. (Depoente nº 08, 32 anos, sexo feminino).

Para Fonseca e Carvalho (2005), a doação está ligada a ideias relacionadas à vida. Vida como representação que agrupa noções de cura, de resgate da qualidade de vida por meio dos transplantes, que por sua vez só ocorrem com as doações.

Embora quase a totalidade de graduandos tenha referido a doação de órgãos como algo que salva vidas, e que eles são a favor de tornarem-se doadores, o desconhecimento sobre a temática comprova a inconsistência nas suas afirmações. Sabe-se que o conhecimento acarreta o amadurecimento das opiniões e em seguida a tomada de decisão.

O acadêmico, futuro profissional enfermeiro, deve inteirar-se sobre o assunto, posicionar-se para poder convencer as famílias em um momento tão angustiante quanto esse, do diagnóstico de morte encefálica. Um enfermeiro convicto da importância de ser doador e que a doação de órgãos salva vidas, gera um movimento de humanização, fundamental nas relações dos grupos sociais envolvidos. Conforme o depoente abaixo cita o esclarecimento propulsor da adesão a doação.

[...] eu acho importante, porque salva muita vida e muita gente não quer doar, por falta de nem saber os benefícios que ela traz, tem é medo, pensa que há se eu for doador vão me matar antes do tempo pra pegar meus órgãos, muita gente pensa isso, mas acho que se for esclarecido, muita gente vai doar. (Depoente nº 14, 22 anos, sexo feminino).

Portanto encontrar meios de prolongar a vida sempre esteve entre os maiores desejos do

ser humano. Por meio da doação de órgãos e tecidos, é possível concretizar o sonho de manter-se vivo ou mesmo dar continuidade à vida de entes queridos, por meio do transplante conforme depoimento abaixo:

[...] a família tem que ser orientada a respeito das doações dos órgãos em benefícios de outras pessoas que está necessitando, no sentido de dar continuidade a sua vida [...] (Depoente de nº 12, 48 anos, sexo feminino).

Além da necessidade de sensibilizar continuamente a população, o aumento no número de doações passa também pela correta preparação dos profissionais, que atuam em diversos procedimentos que envolvem a doação de órgãos. É preciso entender como funciona os procedimentos desde cedo.

Embora a solidariedade e a sensibilização dos graduandos de enfermagem não seja foco na literatura pesquisada, confirmou-se que 100% dos entrevistados deste trabalho apontaram a temática como fator importante no processo de doação de órgãos.

CONCLUSÃO

Os resultados sobre o conhecimento dos graduandos de uma instituição de ensino superior indicam que os acadêmicos de enfermagem possuem conhecimento insuficiente sobre a doação de órgãos. Isso se deve ao fato da pouca ou nenhuma abordagem sobre o tema nas instituições de ensino e também a falta de interesse na busca deste independente da graduação.

Diante disso, torna-se imprescindível que as instituições de ensino adotem uma política para a inserção de conteúdos na graduação, no intuito de contribuir para a formação do enfermeiro e sua atuação no exercício de suas funções.

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V.

O enfermeiro(a) tem papel importante no processo de doação de órgãos e a incorporação dessa temática nos conteúdos curriculares é determinante para que este venha exercer com segurança o seu papel de facilitador na abordagem às famílias com potencial doador, traçando estratégias de intervenção que permitam atender as necessidades individuais dos doadores.

Para tanto é de fundamental importância que o graduando, futuro enfermeiro (a), busque o conhecimento sobre o tema e trabalhe ativamente para aumentar o número de doações/transplantes e conseqüentemente a diminuição da fila de espera, não se limitando apenas em ser doador.

O estudo constatou que a maior parte dos acadêmicos é favorável a doação de órgãos e tecidos, isto está fundamentado no fato desse profissional trabalhar com propósito de salvar vidas, já a justificativa apresentada para as opiniões contrárias, enumeram a religião e a falta de confiança na equipe que faz o diagnóstico de ME, o que reflete o desconhecimento sobre o assunto.

Embora o número de transplantes tenha aumentado, as filas de espera continuam crescendo, concluímos então, que se faz necessário de forma urgente, a inserção do tema na grade curricular dos cursos de enfermagem e uma ampla divulgação das políticas públicas sobre o assunto.

REFERÊNCIA

AGUIAR, M. I. F.; et al. Perfil de doadores efetivos de órgãos e tecidos no estado do Ceará. **REME rev. min. enferm.** Minas Gerais. v.14. p. 353-60, jul./set. 2010. Disponível em: <http://www.abeneventos.com.br/anais_61cben/files/02185.pdf>. Acesso 03 set 2014.

ALENCAR, S.C.S.; CENTA, M. L. **Doação de órgãos e tecidos: a vivência dos familiares de crianças e adolescentes doadores.** Dissertação (Mestrado em Enfermagem) -Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2006.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos** (Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde). Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz, 2012. Disponível em <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/1996/res0196_10_10_1996.html>. Acesso 10 set 2014.

CINQUE, V. M.; BIANCHI, E. R. F. Estressores vivenciados pelos familiares no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. **Rev. esc. enferm. USP.** São Paulo. v.44, n.4, p. 996-1002, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342010000400020>. Acesso 10 set 2014.

FELIÚ, X. **Enfrentando a Morte: A Experiência de Luto em Famílias de Doadores de Órgãos e Tecidos.** 2009 f. Monografia do Curso de Aprimoramento, Teoria, Pesquisa e Intervenção em Luto - 4 Estações Instituto de Psicologia. Disponível em: <http://www.4estacoes.com/pdf/publicacoes/monografia_ximena_feliu.pdf>. Acesso 10 set 2014.

FONSECA, M. A. de A. e CARVALLHO, A. M. Fragmentos da Vida: Representações Sociais de Doação de Órgão do Pará Transplante. **Interações estud. pesqui. psicol;** São Paulo. v. 10, n. 20, p. 85-108, jul./dez, 2005. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=463558&indexSearch=ID>>. Acesso 10 set 2014

MARINHO, A. Um estudo sobre as filas para transplantes no Sistema Único de Saúde brasileiro. **Cad. Saúde Pública,** Rio de Janeiro. v. 22, n.10, p. 2229-39, out. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006001000029>. Acesso 10 set 2014.

MATTIA, A.L; et al. Análise das dificuldades no processo de doação de órgãos: uma revisão integrativa da literatura. **Rev. Bioethikos.** México, v.4, n. 1; p.66-74, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.saocamilosp.br/pdf/bioethikos/73/66a74.pdf>>. Acesso 10 set 2014

MENDES K. D. S.; et al; Transplante de órgãos e tecidos: responsabilidades do enfermeiro. **Texto contexto enferm.** v. 21, n.4, p. 945-953, out./dez, 2012. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk>>

Soares, L. M. D.; Leite, R. G.; Rocha, F. C. V. &exprSearch=661143&indexSearch=ID >. Acesso 10 set 2014

MORAES, E.L.de e MASSAROLLO, M.K.B. Recusa de doação de órgãos e tecidos para transplante relatados por familiares de potenciais doadores. *Acta paul. enferm.* v.22, n.2, p. 131-135. Maio, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002009000200003&script=sci_arttext>. Acesso 10 set 2014

MORAIS, T. R; MORAIS, M. R. Doação de Órgãos: é preciso educar para avançar. *Rev. Saúde debate*, v. 36, n.95, p. 633-39. Rio de Janeiro. Out/Dez. 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v36n95/a15v36n95.pdf>>. Acesso 10 set 2014

PESSOA, J. L. E. e SCHIRMER J; R. B. A. Avaliação das causas de recusa familiar a doação de órgãos e tecidos. *Acta Paulista Enferm*, São Paulo, v. 26, n. 4, p. 323-30, 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002013000400005&script=sci_arttext>. Acesso 10 set 2014

REIS M. L. e POPOV D.C.S. Percepção de estudantes de enfermagem sobre a doação de órgãos. *Rev. Enferm UNISA*; v.10, n.2, p. 107-12; 2009. Disponível em <<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2009-2-01.pdf>>. Acesso 10 set 2014

SANTOS M.J. ; MASSAROLLO M.C.K.B. Processo de doação de órgãos: percepção de familiares de doadores cadáveres. *Rev Latino-am Enfermagem*; São Paulo, V. 13, n.3, p.382-7, maio-jun, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v13n3/v13n3a13.pdf>>. Acesso 10 set 2014

SANTOS, M.J. ; MASSAROLLO, M.C. K. B. Fatores que facilitam e dificultam a entrevista familiar no processo de doação de órgãos e tecidos para transplante. *Acta paul. Enferm*, São Paulo. v.24, n.4, p. 472-8, dez, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002011000400005>. Acesso 10 set 2014

SCHIRMER; J. et al; Doação de Órgãos e Tecidos: O que Sabem os Estudantes do Ensino Médio? *Einstein*, São Paulo, v. 5, n. 3; p. 213-19, set, 2007. Disponível em <http://www.academia.edu/4893516/Doa%C3%A7%C3%A3o_de_%C3%B3rg%C3%A3os_e_tecidos_o_que_sabem_os_estudantes_do_ensino_m%C3%A9dio_Organ_and_tissue_donation_what_do_high_school_students_know>. Acesso 10 set 2014

VALE, G. E.; PAGLIUCA, F.M.L. Construção de um conceito de cuidado de enfermagem: contribuição para o ensino de graduação. *Rev.Bras.Enferm*, Brasília, v. 64, n.1, p. 106-13, jan-fev. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672011000100016&script=sci_arttext>. Acesso 10 set 2014

Submissão: 14/10/2014

Aprovação: 18/02/2015